

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Educação – **FAE**
Centro de Ensino de Ciências e Matemática – **CECIMIG**

MAYRON HENRIQUE GOMES DE MORAIS ¹

**Utilização de rodas de conversa como método de interação e levantamento
de conhecimento acerca de sexualidade em uma escola estadual em
Divinópolis, Minas Gerais.**

BELO HORIZONTE
2016

MAYRON HENRIQUE GOMES DE MORAIS

Utilização de rodas de conversa como método de interação e levantamento de conhecimento acerca de sexualidade de uma escola estadual em Divinópolis, Minas Gerais.

Monografia apresentada à Universidade Federal de Minas Gerais para obtenção do título de pós-graduado em Ensino de Ciências por Investigação.

Área de Concentração: Ensino de Ciências por Investigação

Orientadora: Professora Luciana Moro

BELO HORIZONTE
2016

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	05
JUSTIFICATIVA	08
METODOLOGIA	08
RESULTADOS E DISCUSSÃO	09
CONCLUSÃO	12
BIBLIOGRAFIA	13

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo analisar o conhecimento dos alunos do 8º ano do ensino fundamental de uma escola estadual localizada no município de Divinópolis, Minas Gerais. A metodologia foi dividida em três etapas, sendo o principal método de interação a utilização de rodas de conversa com o tema foco da pesquisa, sexualidade. A primeira roda teve como objetivo coletar os conhecimentos prévios dos estudantes sobre o referido tema, propiciando aos estudantes uma participação direta na discussão e interação dialógica. A discussão foi aberta com o vídeo “Sexualidade na Adolescência”. Uma “urna anônima” foi criada com o objetivo dos estudantes depositarem nela dúvidas e comentários não expressados verbalmente. Propusemos aos alunos que se dividissem em grupos e pesquisassem a respeito de alguma DST (Doença Sexualmente Transmissível) de livre escolha. Na segunda roda, os alunos apresentaram para os demais alunos suas pesquisas e investigações sobre as doenças escolhidas. Na terceira e última roda, tudo aquilo que foi trabalhado foi discutido e as perguntas da urna respondidas. Percebemos que essa estratégia pode permitir que o assunto seja tratado de forma natural permitindo que os estudantes quebrem tabus e possam assumir uma vida sexual sadia e com responsabilidade.

INTRODUÇÃO

A partir de meados dos anos 80, a demanda por trabalhos na área da sexualidade nas escolas aumentou em virtude da preocupação dos educadores com o grande crescimento da incidência de gravidez na adolescência e risco de infecção pelo HIV-1 (vírus da imunodeficiência humana-1) entre os jovens. A preocupação aumenta quando consideramos que a iniciação de jovens na vida sexual tem começado cada vez mais cedo e com um número maior de parceiros, o que aumenta o risco de contaminação por Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) (TAQUETTE et al, 2004). Antes, acreditava-se que as famílias apresentassem resistência à abordagem dessas questões no âmbito escolar. Atualmente, porém, sabe-se que os pais reivindicam a orientação sexual nas escolas, pois reconhecem não só a sua importância para crianças e jovens, como também a dificuldade de falar abertamente sobre o assunto em casa. Os primeiros documentos curriculares nacionais a incluir em sua proposta a Orientação Sexual foram os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), onde a sexualidade é abordada especificamente no fascículo 10 (PCN-10). O PCN-10 apresenta três blocos de conteúdos: 1) corpo: matriz da sexualidade, 2) relações de gênero e 3) prevenção às doenças sexualmente transmissíveis/AIDS (AGRANITO e MOTA, 2008) . Agranito e Mota ainda complementam que esse foi um marco histórico, pois, pela primeira vez uma proposta educacional elaborada pelo governo federal traz entre os temas transversais a sexualidade.

Taquette *et al.* (2004) relatam que, no âmbito psíquico, a adolescência é uma fase de definição da identidade sexual com experimentação e variabilidade de parceiros. Nesse sentido, propiciar informações e esclarecer as dúvidas dos adolescentes, no que se refere às DSTs, representa uma questão de cidadania, cuja concretização é, potencialmente, capaz de resultar numa vivência sexual mais saudável e segura (POSSEBON *et al.*, 2005, p. 16). Nesse estudo, tendo em vista a educação em saúde como forma de percepção da realidade, trabalhando de forma contextualizada, tentando estimular, nos jovens, a capacidade de tomada de decisão. Nesse sentido, é importante que os jovens percebam que, apesar de o sexo ser prazeroso e saudável, ele deve ser pensado com responsabilidade. É importante que eles (as) reconheçam as DSTs como um problema de saúde pública e que eles (as) podem expor a si mesmos e aos outros a condições de risco de contraírem doenças ao realizarem sexo não seguro.

Ribeiro (2012) diz que a não satisfação das curiosidades das crianças e adolescentes em respeito à sexualidade, gera ansiedade e tensão, pois essas são questões muito

significativas para a subjetividade de cada ser. A escola é um espaço onde os estudantes podem esclarecer suas dúvidas e continuar formulando novas questões.

Ainda existem muitos preconceitos acerca desse conhecimento. Além disso, sabe-se que aspectos sociais e culturais e certos tabus podem prejudicar o acesso dos adolescentes a informações sobre esse tema tão importante. A Organização Mundial de Saúde define a sexualidade como:

"A sexualidade faz parte da personalidade de cada um, é uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida. Sexualidade não é sinônimo de coito (relação sexual) e não se limita à ocorrência ou não de orgasmo. Sexualidade é muito mais que isso, é a energia que motiva a encontrar o amor, contato e intimidade e se expressa na forma de sentir, nos movimentos das pessoas, e como estas tocam e são tocadas. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, portanto a saúde física e mental." (OMS, 1975)

É indispensável que a educação sexual seja feita desde o ensino fundamental, para que o aluno possua conhecimentos sobre várias questões que envolvem a sexualidade antes de dar início à sua vida sexual (Teixeira *et al.*, 2006). Estudos mostram que o uso do preservativo na iniciação sexual aumenta a probabilidade do seu uso nas próximas relações. Esse dado mostra que jovens que usam preservativos desde o início, tendem a manter essa prática no decorrer da sua vida sexual. Nesse sentido, as DSTs, os métodos de prevenção dessas doenças e a sexualidade devem ser trabalhadas desde o ensino fundamental.

No Brasil, a maior concentração dos casos de aids no está nos indivíduos com idade entre 25 e 39 anos para ambos os sexos; entre os homens, essa faixa etária corresponde a 53,6% e, entre as mulheres, 49,8% do total de casos de 1980 a junho de 2015. Entre os homens, observa-se um aumento da taxa de detecção principalmente entre aqueles com 15 a 19 anos, 20 a 24 anos e 60 anos ou mais nos últimos dez anos. Destaca-se o aumento em jovens de 15 a 24 anos, sendo que de 2005 para 2014 a taxa entre aqueles com 15 a 19 anos mais que triplicou (de 2,1 para 6,7 casos por 100 mil habitantes) e entre os de 20 a 24, quase dobrou (de 16,0 para 30,3 casos por 100 mil habitantes). Considerando-se que o período de incubação da doença varia de 10 a 15 anos, estima-se que a transmissão do vírus esteja

ocorrendo no período da adolescência. (Boletim Epidemiológico de AIDS e DST 2015 janeiro-julho) Ministério da Saúde BR.

Além da questão da gravidez indesejada, o crescente número de adolescentes contaminados por DSTs, , justifica o fato de se investigar os conhecimentos prévios que os estudantes têm, até o momento sobre esse tema.

Fonseca (2004) diz que a educação sexual é prioritariamente uma competência da família, pois é peça chave na formação da identidade de gênero e no desempenho dos papéis sexuais de seus filhos, porém em grande parte os pais apresentam dificuldades em dialogar a respeito da sexualidade com os adolescentes, transferindo esse papel para outros meios de informação.

Brêtas e Jardim (2006) citam que a escola é o ambiente social no qual o indivíduo passa grande parte de sua vida, constituindo um dos principais elementos para contatos interpessoais. Nesse sentido, a escola deve contribuir para o desenvolvimento de uma educação sexual que promova no adolescente senso de auto-responsabilidade e compromisso para com a sua própria sexualidade.

Guacira Louro (1999, pag 25-26) afirma que a escola é uma entre as múltiplas instâncias sociais que exercitam uma pedagogia da sexualidade e do gênero, colocando em ação várias tecnologias de governo. Esses processos prosseguem e se completam por meio de tecnologias de autodisciplinamento e autogoverno exercidas pelos sujeitos sobre si próprios, havendo um investimento continuado e produtivo desses sujeitos na determinação de suas formas de ser ou “jeitos de viver” sua sexualidade e seu gênero.

Nesse contexto, a escola, pela sua importância no campo de socialização do escolar e adolescente, seria um veículo muito importante para a educação sexual. Porém, devido a variáveis como o despreparo dos professores para discussão do tema, são usados mecanismos de controle como a repressão ou a biologização da sexualidade, vinculando o exercício da sexualidade somente a prática das funções reprodutoras. Esta equivalência imposta entre sexualidade e reprodução, como um fenômeno essencialmente biológico, objetivo, palpável através dos filhos gerados, ocasiona uma cisão entre a sexualidade e a subjetividade, restando apenas informações sobre reprodução, anatomia, fisiologia, AIDS e contracepção, assim deixando de lado a subjetividade, seja da criança ou do adolescente (BRÊTAS e SILVA, 2005).

O enfoque apenas informativo tende a ser insuficiente, uma vez que informações contraceptivas e de prevenção de DSTs não asseguram sua eficácia. Nesse aspecto as rodas de

conversa têm o objetivo de dialogar com os estudantes, de forma mais aberta, questões como a responsabilidade e o auto-cuidado na vivência da sua sexualidade.

As rodas de conversa vêm sendo bastante utilizadas para coleta de dados, sendo uma metodologia que possibilita o diálogo. Segundo Mélo et al. (2007), Figueiredo e Queiroz (2012) as rodas de conversa priorizam discussões em torno de um tema onde, por meio de um diálogo, os participantes possam expor suas situações e ouvir os posicionamentos dos outros.

Essa técnica utilizada para levantamento de dados poderia se transformar em uma metodologia de trabalho em sala de aula como alternativa para melhorar a qualidade das relações que se estabelecem nos processos de ensino e aprendizagem. Mas, mais que uma técnica de pesquisa, as Rodas de Conversa abriram espaço para que os sujeitos da escola estabelecessem um espaço de diálogo e interação, ampliando suas percepções sobre si e sobre o outro no cotidiano escolar. (MELO e CRUZ, p. 2, 2014)

JUSTIFICATIVA

Devido ao alto índice de infecções, este estudo tem como objetivo analisar os conhecimentos prévios dos estudantes sobre sexualidade, por meio de rodas de conversa, coletar os referidos conhecimentos que alunos do Ensino Fundamental do 8º ano, têm sobre: sexualidade e DSTs, em busca de ampliar esse conhecimento ressaltando o quanto é importante que o próprio adolescente atente para a sua saúde, vivendo sua sexualidade e seu gênero com consciência, obtendo assim a saúde sexual.

METODOLOGIA

Para trabalhar o tema sexualidade com os estudantes, o estudo consistiu de três etapas, sendo a primeira a utilização de uma roda de conversa, com o tema foco da pesquisa, sexualidade. A roda teve como objetivo coletar os conhecimentos prévios dos estudantes sobre o referido tema, ressaltar informações importantes proporcionando aos estudantes uma participação direta na discussão e interação dialógica com os demais participantes da roda. A roda foi composta de 20 (vinte) participantes voluntários.

No primeiro momento da roda, foram seguidos alguns passos para um bom desenvolvimento da educação sexual dentro da escola, tais como explicações de como o

trabalho seria ministrado, estabelecimento de um “contrato” com regras sugeridas pelo grupo. Essas regras tiveram o objetivo de garantir a ética do trabalho, juntamente com a liberdade de opinião e o respeito do grupo pela opinião de seus colegas.

Depois, a discussão teve início com o vídeo “Sexualidade na adolescência”, um pequeno vídeo de animação gráfica que mostra a sexualidade de uma jovem desde a infância até a fase adulta. No final dessa etapa, as dúvidas não expressadas pelos estudantes foram escritas em papel e depositadas em uma caixa (urna) de forma anônima. Foi proposto aos estudantes que fizessem uma pesquisa a respeito de alguma DST, de livre escolha, e que eles a apresentariam para o restante dos estudantes da sala. O motivo de deixar de livre escolha a DST a ser pesquisada, é descobrir se os estudantes apresentariam uma pesquisa a respeito da sífilis, uma vez que o número de casos dessa doença tem aumentado não somente em Divinópolis, mas também em todo o país. A pesquisa realizada pelos estudantes também tem como objetivo fazer com que os próprios estudantes respondam as suas perguntas depositadas na urna de forma investigativa e permitir que eles mesmos sejam os disseminadores das informações para os demais estudantes da escola.

No segundo momento, que ocorreu uma semana depois, outra roda de conversa foi realizada para que eles pudessem apresentar os resultados de suas pesquisas.

No terceiro momento, em outra roda de conversa, foram lidas e discutidas as perguntas depositadas na urna. Nessa etapa também foi possível avaliar os resultados, se as propostas de abordar o tema sexualidade foram alcançadas, além de comparar com os conhecimentos que os estudantes reestruturaram e adquiriram com o trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Obtivemos sucesso em todas as três etapas do trabalho, uma vez que foi possível verificar o envolvimento e a curiosidade de todos os alunos. Durante a apresentação do vídeo, os alunos ficaram atentos a cada detalhe, acharam um pouco engraçado, mas foi possível notar a curiosidade e o interesse deles.

A roda de conversa foi desenvolvida com um grupo de 20 alunos de uma escola estadual no município de Divinópolis-MG.

Durante o debate na roda de conversa, alguns alunos se identificaram com aspectos retratados no vídeo, como por exemplo, o preconceito que reflete o uso de brinquedos no requisito de papéis masculinos e femininos, como para Brougère (1995), Falkstrom (2001) e

Azevedo (2003), os estereótipos de gênero nos brinquedos relacionam-se ao fato de o universo feminino restringir-se, em grande parte, à casa e à família; o masculino, aos “carrinhos”, à “lutinha” (rough-and-tumble), mistura de tumulto e briga, ao mundo externo e do trabalho. (KISHIMOTO E ONO, 2008). A maior parte dos alunos foram contra esses tipos de preconceitos, principalmente as meninas, ao falarem que *“hoje em dia a mulher pode fazer as mesmas coisas que o homem... sustentar uma casa, dirigir.”* E um dos meninos citou que *“acho bonito mulher andando de skate”*.

As incertezas e as dúvidas dos alunos sobre a sexualidade ficaram muito aparentes. Alguns diziam que chegavam a conversar com os pais a respeito, porém nunca tinham experimentado a liberdade de poder perguntar sem sentirem que estavam sendo julgados.

Vários alunos contaram vivências e tiraram suas dúvidas verbalmente, enquanto outros, ainda se sentiram resistentes sobre o assunto, mas permaneceram atentos ao que estava sendo discutido.

Quanto ao assunto que tocava em “parceiros sexuais”, uma aluna fez a seguinte afirmação: *“para acontecer o sexo você precisa amar a pessoa, isso não pode fazer com qualquer um, e tem que ser só depois de casada.”* Após essa fala, outra aluna disse que *“isso era um pensamento das antigas, que hoje é raro ver alguém que casa virgem.”* Disse também que *“se você gosta da pessoa, você faz, mas não significa que você vai ter que casar com esse menino.”* Nessa fala foi possível notar que, como disse Taquette et. Al. (2004), os adolescentes têm começado a sua vida sexual mais cedo, e que a atenção às consequências que isso pode provocar deve ser voltada para esses estudantes.

De forma bastante consciente, a maioria dos estudantes se manifestou, mas uma fala de um deles chamou bastante a atenção: *“todo mundo fala pra usar camisinha, e todo mundo que usa fala que a camisinha é muito ruim, que não dá tesão, por isso, quem já fez sem, não quer nunca mais.”* Reforçando a ideia de Teixeira et al, (2006) que diz que a utilização do preservativo na primeira relação, aumenta a probabilidade do uso nas relações subsequentes.

Depois, foi realizada uma recapitulação de tudo aquilo que havia sido discutido e os alunos retomaram partes de tudo aquilo que foi falado de mais importante, incluindo: “a sexualidade”, “o risco das DSTs” e, até mesmo, a respeito de que como é importante se abrir, tirar suas dúvidas, não fazer e nem sofrer críticas. Notei então que houve certo amadurecimento neles. Possebon et al (2005) corrobora tal situação quando diz que propiciar informações e esclarecer as dúvidas dos adolescentes no que se refere às DSTs (Doenças

Sexualmente Transmissíveis), representa uma questão de cidadania, e que isso pode propiciar uma vida sexual mais saudável.

Durante o trabalho, foi notável também a posição dos adolescentes com relação à gravidez. Alguns rapazes concordaram com a fala de uma das meninas quando ela disse “*se eu engravidar meu pai me coloca pra fora de casa*”, complementando a fala dizendo que “*quem tem que preocupar com isso é a menina mesmo, porque na hora a gente só pensa com a cabeça de baixo*”. Martins *et al.* (2006) cita que os adolescentes, de modo geral, não têm a capacidade de negociar o sexo seguro, com o uso do preservativo, com seus parceiros, dessa forma expõem-se a muitos riscos. Isso reforça a importância de explicar aos adolescentes a importância do uso do preservativo nas relações sexuais.

Na exposição da pesquisa sobre as DSTs, os estudantes se entrosaram bastante com a exposição das doenças: gonorreia, HPV, AIDS, herpes e, como esperado, a sífilis, que tem aumentado em todo país. Queriam saber o porquê de as pessoas se contaminarem com essas doenças, principalmente devido às fotografias que eles encontraram durante a pesquisa. A partir desse fato, uma discussão bem séria se iniciou quando um aluno disse “*você acha que essas coisas dá pra ver na cara da pessoa? Tem doença que fica escondida*”, e o objetivo da conscientização começou a ficar visível com os comentários de que “*a melhor maneira é se prevenir, quando pega não tem mais jeito.*”

Durante as respostas das perguntas anônimas depositadas na urna, os alunos ficaram interessados e foi possível notar que o nível de instrução e conhecimento de cada aluno é bastante relativo e está relacionado com as suas vivências e curiosidade com aquilo que ainda não viveu. Como exemplo segue abaixo algumas perguntas:

“Por que na primeira vez da mulher dói tanto? No homem dói também?”

“Como um menino faz pra descobrir se tem fimose?”

“Mulher goza?”

“Se colocar o pênis e tirar da vagina engravida?”

As perguntas quando respondidas eram bastante comentadas e notava-se a reestruturação do conhecimento de alguns alunos com comentários como “*ahh, é assim?! Não sabia que funcionava dessa forma.*” Foi um fator importante para construção do conhecimento dos estudantes.

A abordagem do tema sexualidade nas escolas é de grande importância, pois ainda existem alguns mitos e tabus que devem ser esclarecidos aos alunos antes mesmo que estes comecem suas vidas sexuais, e essas dúvidas dificilmente são tratadas dentro de casa. Em se

tratando de orientação sexual, há a transferência para a escola de uma responsabilidade que muitos pais não dispõem ou encontram dificuldade em assumir. Mas, a escola e a família têm papéis diferentes e complementares, uma não substitui a outra (JARDIM e BRÊTAS, 2006).

CONCLUSÃO

Por fim, podemos concluir que a roda de conversa se mostrou uma ótima estratégia para tratar de temas relacionados à educação afetivo-sexual, contracepção e DSTs para estudantes do ensino fundamental. Observamos que o tema estimula muito a participação ativa dos estudantes, aguça a curiosidade e, tratado assim, com enfoque formador, permite aos estudantes desenvolver capacidade crítica e autonomia, possibilitando que eles façam suas escolhas. Percebemos que essa estratégia pode permitir que o assunto seja tratado de forma natural permitindo que os estudantes quebrem tabus e possam assumir uma vida sexual sadia e com responsabilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOLETIM EPIDEMIOLÓGICO - AIDS E DST.** Ano IV - nº 1 - da 27ª à 53ª semana epidemiológica - julho a dezembro de 2014. Ano IV - nº 1 - da 01ª à 26ª semana epidemiológica - janeiro a junho de 2015. Ministério da Saúde BR.
- BRÊTAS, J. R. da S.; JARDIM, D. P. **Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira – SP.** Rev Bras Enferm 2006 mar-abr; 59(2): 157-62.
- FIGUEIRÊDO, A. A. F. de; QUEIROZ, T. N. de. **A utilização de rodas de conversa como metodologia que possibilita o diálogo.** Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2012.
- FONSECA H. **Abordagem sistêmica em saúde dos adolescentes e suas famílias.** Rev Adolescência e Saúde da UERJ 2004 set; 1(3): 6-11.
- LOURO, Guacira. “Pedagogias da sexualidade”. In: (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- MÉLLO, R.P.; SILVA, A.A.; LIMA, M.L.C.; DI PAOLO, A.F. **Construcionismo, práticas discursivas e possibilidades de pesquisa em psicologia social.** Psicologia & Sociedade; 19 (3): 26-32, 2007
- MELO, M. C. H. de; CRUZ G. de C. **Roda de conversa: uma proposta metodológica para a construção de um espaço de diálogo no ensino médio.** Imagens da Educação, v. 4, n. 2, p. 31-39, 2014.
- MS - Ministério da Saúde (BR). **Boletim Epidemiológico de AIDS e DST 2004 janeiro-julho;** 1(1):29-32.
- MUNFORD, D; LIMA, M. E. C. C. **Ensinar ciências por investigação: em quê estamos de acordo?** Disponível em: <http://www.portal.fae.ufmg.br/seer/index.php/ensaio/article/viewFile/122/172>.
- Parâmetros Curriculares Nacionais, Orientação Sexual.** Volume 10.5. Disponível em: www.portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/orientacao.pdf Acesso: 26/06/2015.
- POSSEBON, A. T; LAZZAROTTO, E. M. **Orientação Sexual dos Adolescentes em tempos de DSTs/AIDS.** 2º Seminário Nacional Estado e Políticas Sociais no Brasil. UNIOESTE, Campus Cascavel, 2005.
- RIBEIRO, Marcos. **Educação Sexual e Metodologia.** Disponível em: www.marcosribeiro.com.br Acesso: 26/06/2015.

TAQUETTE, S. R.; VILHENA, M. M. de; PAULA, M. C. de. **Doenças sexualmente transmissíveis e gênero: um estudo transversal com adolescentes no Rio de Janeiro.** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 20(1):282-290, jan-fev, 2004.

TAQUETTE, S. R.; VILHENA, M. M. de; PAULA, M. C. de. **Doenças sexualmente transmissíveis na adolescência: estudo de fatores de risco.** Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical 37(3):210-214, mai-jun, 2004.

TEIXEIRA, A. M. F B; KNAUTH, D. R; FACHEL, J. M. G; LEAL, A. F. **Adolescentes e uso de preservativos: as escolhas dos jovens de três capitais brasileiras na iniciação e na última relação sexual.** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 22(7):1385-1396, jul, 2006.

Vídeo “**Sexualidade na Adolescência**” disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=7G30wigoXsE>

<http://leonardo-alves.com> fases do desenvolvimento humano e suas transformações.

Acesso em: 05/05/2016